

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE ÀS TEORIAS E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Maria Eliane Gonçalves da Silva

Licenciatura em Pedagogia

Faculdades Integradas Norte do Paraná

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9649660396201465>

E-mail: Eliane_cz@yahoo.com.br

Artigo de Revisão

Recebido em: 04 de Abril de 2021

Aceito em: 08 de Agosto de 2021

RESUMO

Este trabalho analisa a atuação do professor frente às teorias e concepções pedagógicas contemporâneas, em que se concebe a experiência de vivências múltiplas entre educador e educando. A metodologia desta pesquisa fundamentou-se no estudo bibliográfico, usando, para tanto, estudos específicos sobre o tema, outras pesquisas, artigos e livros de especialistas na área, dentre outros. Os principais autores abordados aqui, dentre eles Catherine Garnier, Andreas Gruschka e Cipriano Luckesi convergem no sentido de que a ideia que se tinha anteriormente de professor é o mesmo atuava como um detentor do saber e o aluno deveria comportar-se de maneira passiva, a fim de absorver o conteúdo pronto do docente. Diferentemente do que ocorre hoje, quando o aluno deixa de ser um mero receptor, sem luz própria, e passando a ser sujeito partícipe no processo de ensino-aprendizagem. Noutra vertente, o professor deixa de ser um transmissor de conteúdo e passa a ser um mediador, aberto a discussões, divergências, dentre outros. Face ao que foi analisado, depreendeu-se que a eficácia da educação nos dias atuais está intrinsecamente ligada ao pensamento crítico que deve haver em sala de aula, em uma interação colaborativa entre os protagonistas: aluno e professor. Assim, nota-se que para que ocorram as transformações benéficas necessárias, tem-se mostrado eficaz que o ensino seja fundamentado na teoria curricular crítica e pós-crítica. Para tanto, é necessário que a formação docente tenha como alicerce tais balizas, para que os professores desenvolvam a habilidade de aplicar as técnicas de ensino voltadas para o pensamento crítico na perspectiva do aluno no contexto social. Através deste tipo de aprendizado, o aluno passa a ser agente transformador com importante papel social ao passo que o professor não se limita tão somente a transmitir conteúdos repetidamente. Nesse quadro, a História da Educação é importante como forma de análise dos erros passados para que não sejam mais repetidos nas práticas pedagógicas atuais, que devem se pautar nas experiências sociais de cada região, levando em consideração suas peculiaridades. É um processo transformador contínuo que deve ser levado com clareza nas ferramentas didáticas da sala de aula. Portanto, verifica-se que hodiernamente o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem torna-se compartilhado com o educando, caminhando-

se de forma indissociável rumo à formação do conhecimento. Assim sendo, não mais impera o método tradicional de educação, baseado em pressionar o aluno a obter notas para passar de ano; mais que isso, a formação do aluno começa dentro da sala de aula, quando o professor o ajuda a pensar sobre o que e para que está estudando.

Palavras-chave: Didática. Formação do professor. Teoria crítica e pós-crítica.

***THE TEACHER'S TRAINING IN FRONT OF CONTEMPORARY
PEDAGOGICAL THEORIES AND CONCEPTIONS***

ABSTRACT

This paper analyzes teacher performance in view of contemporary pedagogical theories and conceptions, which take into account the multiple experiences between educators and learners. The methodology of this research is based on a bibliographical investigation, using specific studies on the theme, other research papers, books by specialists in the field, among others. The main authors' perceptions addressed here, among which are those of Catherine Garnier, Andreas Gruschka and Cipriano Luckesi, converge in the sense that there used to be an idea that teachers were the ones who held the knowledge, and students should behave passively in order to absorb the ready-made content provided, unlike what happens nowadays, when students are no longer mere receivers without their own light, and become participating subjects in the teaching-learning process. In other words, teachers cease to be content transmitters and become mediators, open to discussions, disagreements, etc. In the light of what has been analyzed, it appears that the effectiveness of the current education system is inextricably linked to the critical thinking that should take place in the classroom, in a collaborative interaction between the protagonists: students and teachers. As a result, it can be noted that for the necessary beneficial transformations to occur, the teaching based on critical and post-critical curriculum theories seems to be effective. Therefore, it is necessary that teacher training be based on such principles in order for teachers to develop the ability to apply teaching techniques aimed at critical thinking from the perspective of students in a social context. Through this type of learning, students become transformative agents with important social roles, whereas teachers are not limited to simply transmitting content repeatedly. In this context, the History of Education is important as a way of analyzing past mistakes so that they are no longer repeated in current pedagogical practices, which should be based on the social experiences of each region, taking into account their peculiarities. It is a continuous transformative process that must be clearly carried out through classroom teaching tools. In this sense, it appears that, nowadays, the teacher role in the teaching-learning process is shared with students, moving inseparably toward the construction of knowledge. Therefore, the traditional education method, based on pressuring students to obtain grades to successfully complete the school year, no longer prevails; more than that, student education begins in the classroom when teachers help students to think about what they are studying and its purpose.

Keywords: Didactics. Teacher training. Critical and post-critical theories.

INTRODUÇÃO

No momento atual percebe-se cada vez mais a necessidade de repensar a formação inicial dos docentes principalmente por ser o trabalho do professor indispensável na sociedade contemporânea, com seu papel de mediador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, compreendendo que, mais do que apenas dominar conteúdos, o aluno deverá aprender a se relacionar com o conhecimento de forma ativa, construtiva e criadora.

Essas mudanças reforçam a necessidade da superação de uma concepção de escola a qual, outrora, determinava que todos deveriam aprender as mesmas coisas da mesma forma e grades curriculares tradicionais cedendo espaço para experiências coletivas de aprendizagem, sob o olhar atento do professor; para que isso ocorra é necessário que busque fundamentação teórica que lhe permita identificar problemas, apreendendo seu significado na prática.

Para tornar possível as mudanças de valores, concepções e ideias na construção desta escola do século XXI, é preciso que o professor vivencie situações em que possa analisar sua prática e a de outros professores, estabeleça relações entre essas práticas e as teorias de desenvolvimento. Assim, torna-se necessário a introdução de políticas públicas que permitam a capacitação dos profissionais da educação de forma continuada.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Na formação docente, torna-se necessário desenvolver no professor um desejo de investigar sua própria prática pedagógica para explorar diversos planos de ensino. Como elemento básico nesta concepção de formação tem-se o caráter permanente, ou seja, para que esta formação seja eficiente, ela deve ser contínua. Alterando a concepção de professor executor de currículos, programas e planejamentos prontos, o grande desafio da escola e dos professores é fazer com que o ensino acompanhe a linguagem dos novos tempos, para poder dinamizar as aulas e o processo pedagógico.

A busca de estratégia para desenvolver a criatividade, ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, são os desafios da Educação contemporânea. Cabe ao professor promover a aprendizagem do aluno para que esse possa construir o conhecimento de um

trabalho coletivo, propondo diálogos, criando condições para que a aprendizagem ocorra de forma dinâmica. É necessário busca fundamentação teórica que lhe permita identificar problemas na avaliação da aprendizagem.

Em uma concepção pedagógica mais moderna, a educação é concebida como experiência de vivências múltiplas, agregando o desenvolvimento total do educando.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem é contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular.

A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas a prática de investigação, mas deve também, questionar a relação ensino-aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica. Esse procedimento vai além de aplicar testes e conceder notas aleatórias, mas exige um acompanhamento do estudante em diferentes momentos do processo educativo.

Ao avaliar um aluno, é possível verificar o que os alunos conhecem sobre um determinado conteúdo, orientando o professor de forma que possa planejar as atividades de acordo com as dificuldades dos alunos.

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR FRENTE ÀS TEORIAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

A importância da História da Educação

A Educação tem papel fundamental na vida do indivíduo, sobretudo em sua vivência em sociedade. Sendo o professor um instrumento essencial no processo transformador do indivíduo, não ficaria de lado a necessidade de conhecer e repassar elementos históricos de sua origem. Assim, “a História da Educação pode ser entendida como uma das fundadoras da Ciência da Educação” (FAVARO, 2011, p. 0E1).

A História da Educação teve início com o surgimento da Filosofia. Na Grécia antiga, os filósofos utilizavam-se de meios didáticos para repassar informações e levar seus seguidores a pensar, refletir sobre os elementos que se dinamizavam com os seres humanos. Assim, explicar a natureza, o sentido da vida, a busca pelo desenvolvimento humano, e tantas temáticas, necessariamente deveria ser um processo educativo,

contemplativo e reflexivo. Essa experiência educativa passou a ser chamada de “Paidéia”, uma formação intrínseca. Para Platão [...] a essência de toda a verdadeira educação ou Paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento” (JAEGER, 1995, p. 147).

A própria moral e ética que tiveram conceitos estabelecidos pelos filósofos gregos, vêm desse processo educativo amplo: o ser humano necessariamente precisaria passar pelos instrumentos educacionais para se tornar mais humano. Em sua célebre frase, Pitágoras já prelecionava: "educaí as crianças e não será preciso punir os homens"¹.

Nesse panorama, evidencia-se que a Educação teve um nascimento e se desenvolve; daí o educador transmitir essas informações com clareza. Segundo Nóvoa, o mínimo que o educador deve ter é a capacidade para:

[...] pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia [...]. Mas também não há História da Educação sem um pensamento e um olhar específicos sobre a realidade educativa e pedagógica (2005, p. 09).

Em conhecendo a história da educação, o professor interage de forma mais espontânea com os alunos e ajuda na compreensão dos problemas sociais, pois é preciso o enfrentamento consciente dos problemas existente para ter os efeitos positivos esperados pela sociedade.

Urge salientar que no Brasil a História da Educação teve início com uma seção na Faculdade Nacional de Filosofia, estabelecido pelo Decreto-lei nº 1.190, em 1939, tendo sido um marco, pois a disciplina ganha aí status obrigatório².

No ano de 1946, a História da Educação passou a integrar o currículo de todas as escolas normais do país (Decreto-lei nº 8.530 de 1946).

¹ Pitágoras, considerado o pai do conceito de Justiça, viveu a cerca de 500 anos a.C., tendo declarado a célebre frase: “educaí as crianças e não será preciso punir os homens”. Pitágoras citado em "Prevenção e repressão da criminalidade" - página 130, Orlando Soares - Livraria Freitas Bastos, 1983.

² Na redação original, o art. 19 do r. diploma legal estabelecia: “Art. 19. O curso de pedagogia será de três anos e terá a seguinte seriação de disciplinas: Segunda série: 2. História da educação” sitio <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=D%C3%A1%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20Faculdade%20Nacional%20de%20Filosofia.&text=1%C2%BA%20A%20Faculdade%20Nacional%20de,se%20Faculdade%20Nacional%20de%20Filosofia>.

Muitos professores podem se deparar com dúvidas dos alunos sobre o tema, e daí a necessidade de apresentá-lo de forma dinâmica na sala de aula. Falar sobre a História da Educação é mostrar o seu desenvolvimento junto com o aprendizado e as mudanças positivas na sociedade. É, portanto, conteúdo indispensável para o educador.

Nóvoa (2005, p. 11) acentua que “[...] não há mudança sem história – o trabalho histórico é muito semelhante ao trabalho pedagógico. Estamos sempre a lidar com a experiência e a fabricar a memória”.

Esse processo de formação de memória, sob o prisma reflexivo do olhar no passado, contribui para não repetir os erros de outrora e fazer sempre melhorar a educação. Um grande exemplo é a contribuição social, o respeito às diversidades étnicas e culturais que são produtos desse novo padrão reflexivo no novo modelo de sociedade. Portanto, a História da educação tem papel decisivo no novo panorama social e deve ser destacada na sala de aula.

Avaliação da aprendizagem

No decorrer dos tempos modernos, a Educação, enquanto processo de construção do ser humano, teve de tornar firme, práticas de avaliação e formação do indivíduo educando. A avaliação da aprendizagem é ferramenta utilizada por todos os professores, sobretudo, para juntar a teoria aplicada à prática cotidiana. Ao menos essa é a finalidade da avaliação da aprendizagem.

Para Luckesi (2003, p.72) os pressupostos de aprendizagem dizem que:

O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes. A transferência da aprendizagem se dá a partir do momento da síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora (2003, p. 72).

Inobstante esse processo construtivo da individualidade do aluno, quase sempre, não é fácil, pois deparar com uma única forma de avaliar não assegura o aprendizado em si. Da mesma forma, a formação é uma constante: cada um pelo esforço próprio e análise auto crítica de seus conhecimentos, pode modificar esse conceito na própria vida. Essa é a base para a formação do cidadão como acentua Vasconcelos (2005, p.69) “[...] no

tríplice articulação entre compreender o mundo em que vivemos, usufruir do patrimônio acumulado pela humanidade e transformar este mundo, qual seja, colocar este conhecimento a serviço da construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.”

Pela conveniência em fazer do aluno um agente transformador da sociedade, surgiram tendências que modificam a forma de avaliação de várias maneiras, modelos avaliativos com características bastante peculiares e diferentes entre si, capazes de trazer reflexões sobre o progresso do aprendizado. Sendo a educação o processo pelo qual os jovens adquirem ou formam "as atitudes e disposições fundamentais, não só intelectuais como emocionais, para com a natureza e o homem" (TEIXEIRA, 1959, p. 14).

Os pressupostos avaliativos tiveram grande importância para a época em que se estabeleceram. Um modelo tradicional de educação, amparado até a década de 30, os pressupostos da educação tinham por base um modelo serviçal do capitalismo; com forte influência do liberalismo econômico, onde a realização pessoal se baseia no próprio esforço dos alunos.

De um lado, alguns conseguiam se sobressair se destacando no sistema, de outro lado, outros não conseguiam se destacar, ficavam em posição inferior, o que inevitavelmente acabava por influenciar suas profissões. Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas. Isso só viria a ocorrer em meados da década de 1940. Havia uma preocupação geral com a educação das camadas populares, normalmente interpretada como instrução elementar das crianças (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 110).

A tendência tecnicista que surgiu na década de 60 e 70, acabou por tornar mais padronizado esse modelo esperado pelo capitalismo: os alunos foram literalmente treinados para o mercado de trabalho. O crescente avanço de escolas técnicas e agrotécnicas da época foram exemplo dessa estruturação da política educacional baseada no controle cada vez maior do governo para a busca do controle econômico.

Segundo Ghiraldelli (2001), identificam-se muitas características tecnicistas desde o movimento da escola nova em meados dos anos 20 e 30, sendo claramente notável no escolanovismo piagetiano dos anos 60 e 70. O tecnicismo chega ao Brasil nessa época, influenciado principalmente pelas correntes positivista de Comte e behaviorista de Skinner (GARCIA, 2005).

A tendência renovada não diretiva surgiu na década de 70 cujo intuito era uma educação centrada no aluno, dando-lhe maior liberdade de expressão, possibilitando uma auto crítica e autorrealização, sem mais necessidade de outros mecanismos externos de avaliação. Possibilita que o aluno, em seu ritmo exerça sua auto avaliação de maneira responsável, para que se fixe o conteúdo pragmático.

A tendência renovada progressiva busca o desenvolvimento mais livre e integral dos alunos, para que tenham uma análise mais profunda sobre si. Aqui, o professor mantém o papel secundário, apenas interferindo quando necessário ajudar o aluno no que está incompreendido, muito embora também seja o educador um agente transformador:

Como pressupostos de aprendizagem, aprender se torna uma atividade de descoberta, é uma auto-aprendizagem, sendo o ambiente apenas um meio estimulador. Só é retido aquilo que se incorpora à atividade do aluno, através da descoberta pessoal; o que é incorporado passa a compor a estrutura cognitiva para ser empregado em novas situações. É a tomada de consciência, segundo Piaget (SILVA, 2000, p.3).

Como consequência da tendência progressiva e com as fortes transformações sociais, surge a tendência crítico-social dos conteúdos, fortemente embasa na análise crítica das realidades sociais, tendo em vista sua transformação. Dentro de uma avaliação progressiva, busca a transformação da realidade, assim, fazendo com que os alunos busquem corrigir os equívocos e os professores organizar as relações de ensino. Nesse sentido, a avaliação crítico-social mostra uma ligação entre o conteúdo ensinado e a realidade vivenciada. Segundo Luckesi (2003, p. 69) “A difusão de conteúdo é primordial, não conteúdos abstratos, mas vivos, concreto e, portanto, indissociáveis das realidades sociais”.

Apesar da evolução nos modelos avaliativos, é certo que ainda impera em nossa sociedade a avaliação classificatória que muito incentiva o aluno a buscar notas, por medo de reprovação, não oferece tantas reflexões para um aprendizado mais maduro. Isso se dá, sobretudo, pela influência do modelo tradicional ser muito grande: a própria formação dos professores que passaram pelo tipo de avaliação.

Contudo, a avaliação formativa ainda é o melhor caminho para uma educação solidificada e para fazer sentido para o aluno e professor. Isso porque a forma de avaliar analisando como o aluno se destaca, quais seus pontos fortes, e como melhorá-lo para

contribuir com a sociedade enriquece o currículo de ambos (educador e educando) e fornece subsídios para a construção social através da valorização do ser humano.

Currículo escolar: teoria curriculares: não crítica ou tradicional, crítica e pós-crítica

Ao contrário da teoria tradicional (não crítico), o professor ter currículo crítico significa que: se preocupa com o ensino, com as desigualdades sociais, trabalho na sala de aula, se importa com os trabalhadores e valoriza as diferenças dos alunos.

A teoria curricular crítica surgiu com a Escola Nova proposta por Anísio Teixeira; opõe-se ao método tradicional de educação e já na época de sua formação (a partir da década de 30) trouxe inovações no pensamento sobre currículo, priorizando as necessidades dos alunos. Na escola Nova o professor é um mediador no processo de aprendizagem. Contudo, foi na década de 60, com o avanço industrial, que o professor foi influenciado a treinar apenas o aluno, onde o mesmo não pensava, portanto, era elemento técnico nos moldes de produção capitalista. Na década de 80, a teoria crítica surgiu com mais intensidade

O brilhante educador Paulo Freire preceituava que a educação é libertadora e é preciso entender oprimidos e opressores³. Os oprimidos, para se libertarem, precisam de conscientização; isso porque existe uma luta de classes em nossa sociedade, onde a ideologia dominante não tem interesse em mudar a sua condição de domínio e poder sobre os oprimidos. Para Freire interessa os homens se libertando. Sua crítica ao modelo tradicional de educação era que nesse modelo ao aluno era depositário que recebia informações sem pensar; daí sua proposta ser o diálogo constante entre aluno e professor.

A teoria crítica apresenta desconfiança, questionamento e transformação radical. O currículo é visto a partir da teoria crítica e pós-crítica. Segundo Silva (2007), como espaço de poder, lutas, sendo uma construção social do aluno que analisa a realidade e sabe utilizar a educação para a transformação social. Assim, o professor não é um reproduzidor de questionamentos prontos e sistematizados, mas caminha junto ao aluno

³ Tal visão ou concepção é tida como sendo problematizadora e libertadora a medida que a mesma é uma constante busca que visa com que os educandos transformem o mundo em que vivem. Para tanto, os mesmos devem compreender a realidade que os cerca através de uma visão crítica da mesma, respeitando-se sua cultura e história de vida. “Educação como prática libertadora”: Paulo Freire, 1986.

numa relação com a experiência vivenciada. Daí a necessidade de o professor sempre se capacitar para ensinar os conteúdos e ensinar a pensar corretamente.

O currículo proposto na teoria crítica e pós-crítica pressupõe trabalhar conteúdos significativos, partindo da realidade educacional existente.

Práticas pedagógicas e didáticas

A gestão na sala de aula é parte fundamental do processo de ensino. Cada professor trabalha conforme seu conteúdo técnico, metodológico e fundamental. Assim, com uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, a interação do aluno acontece sempre como uma ação consciente e participativa.

A Didática “é uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais” (LIBÂNEO, 1994, p. 16).

Nesse sentido define Pimenta et al. (2010) que a Didática é um campo de estudos e pesquisas que tem um papel de fundamentação, o que designa a essa área de conhecimento, uma reflexão a partir das características dessa prática.

Prática educativa está relacionada com a concretização de processos educacionais. Práticas sociais são exercidas para concretizar processos pedagógicos. O sentido social da aprendizagem ganha espaço, mormente quando a educação se norteia para ampliar os meios de melhorias da sociedade. Assim, torna-se elemento essencial para tanto. Segundo Garnier:

O ensino é essencialmente um fenômeno social. [...] Interações sociais ganham espaço dentro da aula entre os sujeitos (aluno e professor, alunos entre si) que têm expectativas mútuas e interpretam as mensagens transmitidas pelo outro, através de um certo processo de negociação (1996, p. 48).

A interação do aluno e professor em sala de aula determina a classificação formativa.

Didática

O papel transformador do professor vai além do ensino nas salas de aula. È um papel de transformação social. A sociedade moderna, com tantas profissões, culturas,

dinâmica, não teria organização sem a colaboração do professor que, como instrumento da educação, está em todas as instituições sociais. Portanto, tem um sentido existencial seu papel no desenvolvimento das aprendizagens: modifica os rumos e impõe novos desafios de transformação social.

Em uma sociedade com tantas desigualdades sociais, como é o caso do Brasil, a responsabilidade do professor se torna mais latente, ao mesmo tempo que provoca discussões emblemáticas pela inexistência de políticas públicas capazes de proteger o ensino, sobretudo o público, onde as fragilidades sociais estão mais em evidência.

A escola deve priorizar alguns conhecimentos mais do que outros e a exigir que todos deem conta dos diversos conteúdos abordados pelo professor, e assim prossegue o ensino por vários graus de formação.

Segundo Bandeira e Oliveira (2012, p. 233) “a educação, como processo de formação, possibilita ao homem inserir-se no fluxo histórico-cultural como sujeito, servindo-se do próprio entendimento, sem a tutela de outrem”.

Não se trata de restringir ou privar, mas, ao contrário, de expandir possibilidades ao garantir o direito à diferença. Enquanto a busca pela homogeneização limita, a diferença surpreende, amplia e enriquece. A partir dos eixos de interesse, todos os domínios de conhecimento são trabalhados, mas de modo muito mais espontâneo, prazeroso e significativo. É muito provável que essa criança tenha maior êxito em seu processo de aprendizagem, de modo a descobrir maneiras de tirar proveito daquilo que gosta de fazer e a partir disso também aprender a melhor se relacionar com as demais pessoas e a constituir-se na sociedade da qual faz parte. É ensiná-la a “aprender a aprender”.

Conforme ensina Gruschka,

[...] uma descrição do ensino escolar geral, que não consiste apenas em meros discursos, mas como uma celebração abstrata dos conteúdos do ensino clássico, formal, material ou também da educação da OCDE ou da modelagem de um ensino educador como ideal na sucessão do Herbart e não também no modelo de ensino de didática, que exemplifica como é possível deixar os alunos desenvolverem alguma coisa de modo educativo, mas na capacidade de reunir uma série de operações pedagógicas numa sequência apropriada, principalmente in situ, ou seja, segundo a estrutura de aula (GRUSCHKA, 2014, p. 11).

Evidenciar a necessidade da capacitação dos professores no uso das TCI, novas tecnologias de comunicação e informação como forma de romper com as velhas práticas pedagógicas, garantindo uma educação de qualidade.

Acompanhar e orientar os professores na utilização das tecnologias na educação; planejar o processo de informática educativa na escola como estratégia para transformar a sala de aula em ambiente de trabalho do aluno e do professor, transformando-a em local ativo de aprendizagem; desenvolver alternativas de interação comunicação e acesso à informação, propiciando o intercâmbio e a troca de experiência entre os professores; implementar a capacitação continuada e em serviço, utilizando recursos tecnológicos existentes na escola.

Por isso, a didática a ser utilizada na sala de aula tem que se amparar no pensamento crítico sob o olhar do aluno, pois há tempos o modelo tradicional não mais se sobressai. O professor, antes de tudo, é um mestre que se coloca à altura do educando e o faz sentir a necessidade de se encontrar em suas habilidades. Tal é a forma mais apta a ser desenvolvida em sala de aula.

Apesar das variantes em nosso sistema de educação, o professor que lecione com olhar crítico e elucidativo tem muito mais chances de amparar as necessidades básicas educacionais de cada aluno. Assim, valores de equidade, justiça social, ética e disciplina, são incorporadas ao processo educativo com muito mais eficácia.

CONCLUSÃO

Em breves comentários reflexivos sobre o papel atuante do professor, com visão crítica e sempre com o olhar dinâmico na aprendizagem do aluno, é possível verificar que a evolução da Educação alcança patamar de transformação social. Não mais impera o método tradicional de educação, baseado em pressionar o aluno a obter notas para passar de ano; mais que isso, a formação do aluno começa dentro da sala de aula, quando o professor o ajuda a pensar sobre o que e para que está estudando.

Apesar de em alguns momentos na História da Educação a exigência fosse para o indivíduo apenas sair capacitado para um trabalho técnico, hoje é possível avaliar esses momentos e refletir sobre a importância de se conhecer e transmitir a História educacional e não mais repetir os erros do passado, erros que impunham a decisão do aluno ter um

certo perfil.

O pensamento crítico de que a educação é libertadora, torna os estudantes protagonistas e não mais agentes passivos como outrora; assim, ocorre as transformações sociais.

Uma boa e efetiva gestão na sala de aula feita pelo professor atuante, com metodologia amparada nos conceitos críticos e pós-críticos podem condicionar a essa transformação, não apenas do aluno, mas também do mestre que se aperfeiçoa e passa a ser um agente multiplicador.

A educação é um processo de transformação social que se espera para as mudanças no quadro político, sobretudo. E os educadores são os instrumentos de mudança que tanto se busca. Por isso, vale sempre a reflexão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AEGER, W. W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Parreira, A. M. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ASCONCELLOS, Celso. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. 15. Ed. São Paulo: Libertad, 2005.

BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. R. **Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje**. *Educação*, v. 35, n. 2, p. 225-232, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/848/84823364010/>>. Data de acesso: 18 de março de 2021.

FAVARO, M.R.G. **O Ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina**. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação - invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil, 2011, Vitória Es. : VI Congresso Brasileiro de História da Educação - invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

GARCIA, A. B.; MONTEIRO, R. C.; MONTERO, E.G. *Representações Sociais entre Jovens praticantes de Futsal*. *Dialogia*, São Paulo, v.4, p. 89-95, 2005.

GARNIER, Catherine et al. **Após Vygotsky e Piaget: perspectiva social e construtivista**. Escola russa e ocidental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GHIRALDELLI, Jr., P. *História da Educação*. **Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor**. Editora Cortez. 2. ed. rev. São Paulo / SP, 2001.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, p. 110-115, 2000. _____. **Curso de Didática**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 19r. São Paulo: Cortez, 2003.

NASCIMENTO, Mari Clair Moro; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; ANNIBAL, Sérgio Fabiano. **Avaliação das Aprendizagens: Representações decorrentes de Práticas Instituídas na Formação Inicial**. Educação em Revista, Marília, v.18, n.1, p.7-22, Jan-Jun., 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/6992>. Acesso em: 17 dez. 2020.

NEVES, Fátima Maria; COSTA, Célio Juvenal. **A importância da História da Educação para a Formação de Profissionais da Educação**. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.15, n. 1, p. 113-121, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/18570/9795>. Acesso em: 17 dez. 2020.

NÓVOA, António. **Evidentemente**: histórias da educação. Porto: Asa, 2005.

NÓVOA, António. **História da educação: percursos de uma disciplina**. Lisboa/Portugal. Universidade de Lisboa. Texto traduzido em 1996.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. PIMENTA, S. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, Geslani Cristina Grzyb. **Teoria curricular crítica e pós-crítica: uma perspectiva para a formação inicial de professores para a educação básica**. Analecta, v.10, n. 2, p. 11-25 jul./dez. 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia: o espaço da educação na Universidade**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 130, p. 99 – 134 jan/abr. 2007.

SILVA, Delcio Barros da. **As principais tendências pedagógicas na prática escolar brasileira e seus pressupostos de aprendizagem**. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/01_00/DelcioL&C3.htm. Acessado em: 03 de março de 2014.

TEIXEIRA, Anísio. Filosofia e educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.32, n.75, jul./set. 1959. p.14-27.

COMO CITAR

SILVA, Maria Eliane Gonçalves da. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE ÀS TEORIAS E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC**, v. 4, n. 2, p. 200-214, 2021.